

UMA epifania NO PALCO

» NAHIMA MACIEL

Foi em 1974, quando se dirigia a um ensaio de A Gaivota, peça de Anton Tchekhov. Renata Sorrah vivia a personagem Nina e tinha, como companheiros de palco, Sérgio Brito, Teresa Raquel e Carlos Augusto Stras-ser, todos sob a direção de Jorge Lavelli, argentino radicado na França e ícone do teatro na década de 1970. "Eu estava no carro, dirigindo a caminho do ensaio, e, de repente, minha cabeça abre e eu entendo tudo, sabe? Todas essas perguntas que os filósofos fazem: quem somos nós, para onde vamos, o que estamos fazendo aqui, entendi a matemática, entendi as ciências, a natureza, o tempo, o universo, assim, o tamanho do Universo, o tamanho da gente, o tempo, a vida antes, a vida de ficou tudo claro na minha cabeça", conta a atriz. A epifania durou um segundo e Renata pouco se lembrou de toda a compreensão iluminada, mas a história serviu de base para Márcio Abreu escrever *Ao vivo [dentro da cabeça de alguém]*, em cartaz hoje e amanhã na sala Martins Pena como parte da programação do Cena Contemporânea.

No texto, o diretor convida o público a entrar na cabeça de uma atriz. "A ideia é convidar o público a entrar no imaginário de um artista para olhar o mundo através da sensibilidade de uma artista, pensar as questões urgentes dos nossos dias a partir da sensibilidade, do desprendimento, do sentido crítico que uma artista pode ter num mundo tão cheio de polarização e desafios", explica Abreu. "É um mundo com dificuldade de sonhar coletivamente, de elaborar propostas no presente, todas essas questões estão na peça." A produção é, também, uma celebração da amizade entre Renata e o diretor, que estiveram juntos no palco pela primeira vez em 2012, com *Essa criança*. "Escrevi pensando nisso tudo. É também uma celebração da arte, da vida", diz.

Encenada pela Companhia Brasileira de Teatro, *Ao vivo* propõe uma visão singular de mundo com uma linguagem nada convencional e muito menos linear. "A gente convida o público para uma lógica do imaginário. A estrutura da peça é toda nesse sentido. A gente tem uma linguagem muito profusa, com música, uma dimensão visual dramaturgicamente muito forte", avisa o diretor. No elenco, além de Renata Sorrah, estão também Rodrigo Bolzan, Rafael Bacelar, indicado ao prêmio Shell pelo papel, Bárbara Arakaki e a performer paraibana Bixarte. *Ao vivo* teve o texto indicado ao prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) e já foi vista por mais de 30 mil pessoas.

Em entrevista, Renata Sorrah fala sobre o trabalho e formato da peça.

PEÇA QUE ABRE O CENA CONTEMPORÂNEA HOJE NASCEU DE UMA EXPERIÊNCIA DE RENATA SORRAH VIVIDA HÁ 51 ANOS



AO VIVO [DENTRO DA CABEÇA DE ALGUÉM]

Direção geral: Márcio Abreu. Com Renata Sorrah, Rodrigo Bolzan, Rafael Bacelar, Bárbara Arakaki e Bixarte. Hoje e amanhã, às 20h30, na Sala Martins Pena (Teatro Nacional Claudio Santoro). Ingressos: R\$ 15 até R\$ 100, disponíveis na Bilheteria Digital



“Eu não falei para ninguém. É claro, eu nunca mais soube as respostas, porque, naquele momento da revelação, dessa epifania, eu entendi tudo. Eu sabia tudo, tudo. Foi uma coisa muito forte”

Renata Sorrah, Atriz

Entrevista//
Renata Sorrah

Pode contar um pouco como foi a epifania que deu origem à peça? E qual a importância de Tchekov nesse processo?

Eu só soube que isso que tinha acontecido comigo muito mais tarde. Eu estava mergulhando no universo do Tchekov, o que, para um ator, para uma atriz, é uma revelação, uma beleza, uma delicadeza. É muito muito revelador você fazer um Tchekov, para você e para sua profissão. Eu estava num aterro, indo para o ensaio, a gente ensaiava umas 10 horas por dia, era muito puxado. E era muito forte, muito bonito. E eu fiquei sem respiração, quase. E eu só me lembro falando assim: "Mas é tão simples". Ai, a cabeça fechou. Fui ensaiar. E cheguei nesse dia para ensaio com esse segredo que aconteceu comigo. Eu não falei para ninguém. É claro, eu nunca mais soube as respostas, porque, naquele momento da revelação, dessa epifania, eu entendi tudo. Eu sabia tudo, tudo. Foi uma coisa muito forte. Só alguns anos depois, contando para alguém, a pessoa falou: "Mas isso que você teve foi uma epifania". É muito lindo isso, quando você toca o absoluto. Por que que me aconteceu isso? Eu acho que foi porque a gente estava ensaiando Tchekov. Eu estava estudando Tchekov pela primeira vez, conhecendo-o, e ele faz isso com a gente.

Sobre a linguagem da peça, que tem um lado mais experimental e menos linear, como ela funciona? O que esse espetáculo trouxe de novidade para você como atriz, em termos de linguagem e de experiência pessoal?

Trabalho com o Márcio e com a Companhia Brasileira há quase 14 anos. A cada nova peça, cada encontro nosso é uma experiência, é um aprendizado. São novidades da vida, tanto na vida como no palco. Esse espetáculo foi uma experiência, um aprendizado, uma vivência de amor.

O corpo parece ter um papel central no espetáculo. Como foi o trabalho físico de preparação para o papel?

Em todos os trabalhos tem uma coisa forte do corpo que fala, não é? Trabalhamos com a Cris Moura, uma bailarina, artista, preparadora, diretora. E ela toca a gente, ela entende. Foi muito importante. Um dos papéis centrais do espetáculo é o corpo. Somos cinco no palco e os cinco têm esse domínio corporal, esse prazer corporal muito grande e que está no espetáculo.